

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
Centro Regional do Porto
Faculdade de Teologia

HUMANÍSTICA E TEOLOGIA
Publicação Quadrimestral

| | |
|---|-----------|
| Edição e propriedade da Faculdade de Teologia | |
| Rua Diogo Botelho, 1327 (Tel. 680236) | |
| 4100 PORTO | |
| PORTUGAL | |
| Assinatura Anual | |
| Portugal | 1000\$00 |
| Estrangeiro | US\$18.00 |
| Fascículo avulso | |
| Portugal | 350\$00 |
| Estrangeiro | US\$ 7.00 |

Dii

Composto impresso:
Editora Correio do Minho — Braga
Depósito Legal: 18086/87

In Memoriam

Dom António Ferreira Gomes (1906-1989)

Ao entrar no décimo ano de publicação, sentimos o renovar dos votos iniciais formulados por aquele mestre e educador da Fé, falecido a 13 de Abril de 1989, o corajoso e grande Bispo-Pastor da diocese do Porto (1952-1982), Dom António Ferreira Gomes. A *Humanística e Teologia* exigiu-se a si mesma uma palavra simples por esta ocasião da morte do seu impulsionador e sempre interessado leitor. A criação do Instituto de Ciências Humanas e Teológicas, em 1974, é iniciativa que muito apoia e terreno fértil onde nasce esta Revista.

Várias outras razões pedem esta memória.

A lisura moral de D. António marcou uma orientação cristã ao ser homem, tanto na fidelidade a si mesmo quanto desapegado de si próprio. Traçou um magistério de palavra e vida verdadeiramente católico, quer porque aberto ao tempo na fidelidade à história e à Igreja, quer porque universal no espaço de acolhimento de todos e das diversas questões da actualidade por ele vivenciada através da procura rigorosa da verdade crua. Um itinerário tão significativo deve aqui permanecer e ser aprofundado.

De facto, o serviço teológico-pastoral desempenhado com dedicação de inteligência privilegiada; as respostas de fé às interrogações do mundo, pagas no coração sacrificado de um exílio e de incompreensão; o investimento missionário na expressão do mistério cristão e a determinação, às vezes granítica, na renovação das estruturas pastorais, tudo alicerçado numa vida extremamente simples e pobre, pedem continuidade. Se revelam um exemplo, também apoiam um caminho doloroso e sereno de procura da verdade, guiados pela luz de Cristo.

Ordenado bispo no ano da Proclamação da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), foi destes um defensor insistente. Considerava a liberdade como estrutura nuclear do ser

humano, como um dever para a identidade do homem. A verdade, que buscava por um labor intelectual diligente e interpelante, permitia apontar direcções à liberdade. A defesa da justiça na atenção constante à doutrina social da Igreja, considerou-a parte da verdade de cada pessoa e corolário do direito à liberdade. Toda esta acção foi caminho para a Paz, fundada no respeito sagrado pelo homem criado à imagem de Deus e reconciliado por Cristo Jesus.

Eis, portanto, alguns objectivos que prosseguiremos: observar o mundo e perceber os dinamismos das correntes que o movem, discernir pela crítica lúcida e libertadora a Boa-Nova a anunciar em cada hora, manter-se sem medo do futuro na fé e doutrina da Igreja ao procurar a felicidade verdadeira do homem, defender uma cultura humanista que valoriza a dimensão religiosa, conhecer o melhor da tradição cristã portuguesa.

O que nos disse há dez anos servirá de ponto de referência. Não nos esqueceremos de «cultivar aquele «esforço do conceito» de que já falava Hegel, mas que Karl Rahner considera indispensável para possibilitar qualquer Curso fundamental sobre a Fé e para uma séria Introdução às noções-base do Cristianismo. Nestes tempos em que desembocaram no mesmo caudal turvo e lodoso várias tendências seculares para fazerem da inteligência humana — se ainda se admite mais que a sensação e a mensuração empírica — uma simples mecânica matematista, *une quantité de pensée*, nestes tempos de nominalismo, imanentismo e materialismo histórico ou dialéctico, o «esforço do conceito» parece qualquer coisa de anti-natural, de heróico e até doloroso. E é esse o drama. e mesmo a tragédia, de certas «teologias» que sabem tudo, tudo sobre a história, exegese, psicologia religiosa, sociologia de massas, tudo enfim que seja «positivo». mas se poupam ao esforço de pensar, que está muito pouco na moda cultural do tempo. No entanto como é que, sem o «esforço do conceito», se há-de abordar a doutrina de Deus, que «é Espírito e em Espírito e Verdade quer ser adorado»?!

C. A.

¹ Palavra de apresentação, in *Humanística e Teologia* 1 (1980) 7. A revista contou com a publicação de um artigo seu 6 (1985) 129-150. Dedicou-lhe um número especial, pelos 80 anos: 7 (1986) 121-212.

Leitura Teológica da Encíclica

«Sollicitudo Rei Socialis»

Uma leitura teológica da encíclica «Sollicitudo Rei Socialis», que nos é pedida, deveria, a nosso ver, começar pelo que esta mesma encíclica escreve sobre a concepção do desenvolvimento, no capítulo IV, intitulado, «O autêntico desenvolvimento humano»¹.

Encontramos, de facto, neste capítulo, os tópicos antropológicos específicos da concepção cristã do desenvolvimento, em contraposição com as ideologias desenvolvimentistas, que apostam naquilo que o texto pontifício chama «um processo rectilíneo, quase automático e de per si ilimitado»².

A esta concepção de progresso iluminista, caracterizado «por um ingénua optimismo mecanicista», opõe Sua Santidade, sem excluir o aspecto económico, uma concepção humanista do progresso, segundo a concepção desenvolvida por Paulo VI na *Populorum Progressio*, bem como na doutrina do Vaticano II, que salienta as componentes do crescimento global do homem, ao serviço do qual está³.

A concepção mecanicista do desenvolvimento, tão típica quer do Marxismo, quer do capitalismo, ideologias de base do actual processo e concepção do desenvolvimento, opõe a encíclica as características dum desenvolvimento mais humano, tal como foi descrito, o qual, sem negar as necessidades económicas, procure estar à altura da autêntica vocação do homem e da mulher, tal como as desenvolveu Paulo VI⁴.

¹ Citaremos a edição espanhola, oficial, segundo a sigla SRS.

² SRS, 27.

³ *Ibid.*, 29.

⁴ *Populorum Progressio*, 20-21.